

SANTOS E ORIXÁS EXALTAM UMA FÉ SEM FRONTEIRAS

Enredos sobre crenças, encantamentos e milagres fizeram do Sambódromo palco para ato contra a intolerância religiosa

No meio da festa pagã, o "Jesus da gente" da Mangueira abriu a Sapucaí para uma profissão de fé. A Grande Rio cultuou o pai de santo Joãozinho da Gomeia e a Tuiuti celebrou o nosso padroeiro, São Sebastião. O Rio caudaloso em crenças que desaguou no Sambódromo no domingo, primeiro dia de desfiles do Grupo Especial, uniu milagres e feitiços numa apoteose de todos os santos. Foi uma noite de encantamentos em todas as suas expressões.

Se o Cristo enajado da Mangueira, crivado de balas, foi o ponto alto, numa alegoria de quase 20 metros, o sincretismo caminhou ao lado. E com uma mensagem de tolerância bem clara. O Exu da Grande Rio era embalado pelos versos do samba da escola de Caxias: "Pelo amor de Deus, pelo amor que há na fé/ Eu respeito seu axé! Você respeita o meu axé".

— Esse desfile é um pedido de respeito e paz — afirmou Mãe Meninazinha de Oxum, de 82 anos, referência no candomblé que passou mal na concentração, deixando de desfilar ao lado de outros líderes religiosos e de representantes do movimento negro no último carro da agremiação.

Ao lado dela, estava a escritora Conceição Evaristo, que defendeu a importância do diálogo religioso para a democracia.

— São questões que exigem reflexão, porque não há democracia política sem democracia religiosa, sem democracia cultural.

Ao longo de toda a escola de Caxias, era possível destacar exemplos como o do vendedor Francisco Carlos,

católico, que saiu na ala servos de Exu. Vestido como o orixá africano, ele simulava um despacho no meio da Avenida antes da entrada do primeiro casal de mestres-sala e porta-bandeira.

— Sou católico. Tudo que aprendi sobre orixás foi aqui, na Sapucaí — disse.

O enredo da Tuiuti fez um entrelaçamento religioso que reuniu São Sebastião e Oxóssi. E ainda mandou um recado contra a violência. No carro com a escultura do santo que fechou o desfile, componentes traziam nas roupas frases de efeito, como "12 jovens negros assassinados" e "feminicídio". Política e religião também se confundiam no carro "Rio flechado".

— As flechadas em São Sebastião são as mazelas pelas quais a gente passa aqui no Rio. Esse desfile é um grito, é protesto — definiu o pedagogo Fabrício Maria, umbandista, que estava fantasiado de babalorixá no último carro.

A verde e rosa, que carregava o "altar" mais expressivo da noite, já entrou com 20 religiosos para apresentar a história de um Cristo menos eurocêntrico e mais realista, próximo de nós, no enredo "A verdade vos fará livre". No carro mais polêmico, chamado de "O calvário", a escultura exibiu um jovem negro crucificado, com tiros no peito, tatuagem no pescoço e cabelo descolorido. Nas laterais da alegoria, homens e mulheres pregados na cruz, que graças a uma poderosa magia pareciam ter sangue escorrendo pelo corpo.

— As pessoas entenderam o recado. Não tinha nada que eu temesse nesse desfile. Não sou uma pessoa de ter medo — disse o carnavalesco da Mangueira, Leandro Vieira.



De corpo e alma. O integrante da Paróquia do Tuiuti encarna São Sebastião, personagem central do enredo flechado representando sofrimento do povo



Na pele. Coreografia de ala da Grande Rio, que representa os laços, os filhos de santo

Muitas faces. As imagens de Cristo apareceram em diferentes momentos na Mangueira



Crença popular. No enredo sobre pedra, a Estação de São mostra São Jorge em sua morada na lua

Saravá. Bangala, o ogã mais velho do Brasil, com 101 anos, foi um dos destaques da Grande Rio



Epárel. A Grande Rio levou para a Marquês de Sapucaí a história da vida de João da Gomeia, pai de santo de Caxias

